

O fluxo criativo de Antonio Malta

Rodrigo Andrade

“Não empalho animais apenas para passar o tempo e sim para encher o tempo.”

Norman Bates, personagem de *Psicose*, de Alfred Hitchcock

A grande série de pequenas pinturas em guache sobre cartão é a origem e o núcleo da exposição *Formas e Cores*, de Antonio Malta. Torna presente o fluxo criativo constante por mais de três anos de que resultam. E apesar de ser o conjunto que mostra a intensidade obsessiva do trabalho, em cada uma dessas despreziosas “misturinhas” vemos uma graça, em cada uma delas podemos ver um momento de felicidade. São como momentos plenos e brilhantes roubados de longas tardes dispersivas e solitárias.

Quando uma forma chapada — ou quase chapada — vermelho escura, por exemplo, destaca-se com seu contorno nítido de um fundo verde-folha, o choque cromático nos desperta e temos a impressão de ver a pequena imagem pintada nascer diante de nossos olhos. A intensidade das cores proporcionada pelo guache opaco e o desenho doce das formas nos faz sentir o prazer instantâneo que o artista sentiu ao fazê-la.

São pinturas muito variadas; algumas são grupos de formas, outras uma forma só; algumas são multicoloridas, outras quase monocromáticas; algumas com retas, outras com curvas; algumas são simples, outras complicadas; algumas figurativas, outras abstratas. (Apesar de algumas se parecerem com pinturas de Miró, acho que o espírito é mais de Klee.) Estão disponíveis para qualquer estilo ou visualidade, como mostram as absurdas colagens que encontramos na série.

Algumas dessas colagens, como as com os *stickers* das Meninas Superpoderosas, parecem arranjos em cadernos de meninas de colégio, o que quase nos leva a perguntar se o Malta pirou. O humor dadaísta sempre presente deixa evidente que não, mas o próprio ridículo desses ursinhos, Barbies e cavalinhos alados postos daquela maneira lírica introduz um delicado sabor de perversão que confere um sutil peso psicológico ao que parece — e é — pura diversão. Não um mero exercício de bom gosto ou de estilo, mas diversão no seu senti-

do mais básico, vital. Antonio Malta também não faz essas misturinhas apenas para passar o tempo, e sim para encher o tempo (aqui sem o trocadilho com o ato de empalhar animais).

Contudo, há uma despreensão, sim — evidente tanto no formato quanto na aparência de ilustração que têm — que é, também, uma despreensão metodológica. Serve para liberar o fluxo criativo do travo crítico que poderia vetar decisões tomadas sem pensar, como as da escrita automática surrealista. Por isso não importa que pareçam Picabia, que pareçam ilustração para revistas de moda, e não pareçam “arte avançada”. Só importa fazê-las. Só importa a maravilha do ato criativo puro e simples. Só isso, ou tudo isso.

As pinturas em óleo sobre tela, diferentemente dos pequenos guaches, nascem já estruturadas, são pensadas como um conjunto que forma um sistema próprio e fechado. No entanto, o mesmo sistema de decisões sem pensar baseadas no impulso e na circunstância encontramos aqui nos arranjos das formas e, principalmente, nas cores: do lado de um amarelo limão... amarelo ocre, ao lado do ocre... verde musgo, ou a cor que a mistura dos restos de tinta da paleta determinar. Também não importa se as cores não combinam ou se combinam demais. Só importa a decisão tomada. E tomadas sem pensar se é a melhor ou não, para que assim possam ocorrer combinações de cores mais estranhas e surpreendentes, livres de um juízo estético bloqueante, e as pinturas possam permanecer como marcas de escolhas arbitrárias, como registros afirmativos de um fluxo criativo puro e simples.